



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MORGADA ASSUNÇÃO CUNHA**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:**

**Entrevistada:** Morgada Assumpção Cunha

**Nascimento:** 03/10/1934

**Local da entrevista:** casa da entrevistada em Porto Alegre

**Entrevistador:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 31/07/2015

**Transcrição:** Juliana Lorenzoni

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Juliana Lorenzoni

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 70 minutos e 5 segundos

**Páginas Digitadas:** 24

**Observações:**

A entrevistado/a realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla de Maria Luisa Oliveira da Cunha.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Identificação; Formação profissional; História na dança; Sobre o livro dança e seus artifícios; Doação Material Ceme; Sobre João Luis Rolla; Recordações da infância e juventude.

Porto Alegre, 31 de julho de 2015. Entrevista com Morgada Cunha a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.O. – Qual teu nome completo?

M.C. – Morgada Assunção da Cunha.

M.O. – Tu te importas de dizer a tua data de nascimento Morgada?

M.C. – Não! Absolutamente, tenho até orgulho. É 03/10/1934.

M.O. – Certo, tu nasceu onde?

M.C. – Santa Maria da Boca do Monte<sup>1</sup>.

M.O. – Qual tua formação profissional?

M.C. – Olha a minha formação... Eu comecei primeiro com balé, parei a parte de ginásio lá e... Era balé, balé, balé, eu queria dançar, queria dançar, eu tive escola de dança no Clube Gondoleiros<sup>2</sup>, o presidente me convidou se eu queria dar aula lá... A gente pegava o que tivesse.

M.O. – E tu fizeste balé com quem?

M.C. – Com a Lya Bastian Meyer<sup>3</sup>.

M.O. – Com a Lya Bastian Meyer no tempo da Escola Oficial de Dança do Theatro São Pedro?

M.C. – Da escola eu cursei, eu cursei essa escola, sim, depois que eu fiz essa escola, que a gente ganhou diploma, naquele tempo a gente imaginava isso... Porque na verdade *nenhum diploma de dança teve algum valor expressivo até hoje!* Tomara que essa escola de dança que formaram agora que ela siga, e ano que vem muda o prefeito, sabe se lá, entendeu? As coisas são assim, nada é para sempre. E bom... Aí eu cursei a Escola

---

<sup>1</sup> Santa Maria – Cidade do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Sociedade Gondoleiros, clube de Porto Alegre.

<sup>3</sup> Bailarina e professora de dança de Porto Alegre

Oficial de Dança<sup>4</sup> da Lya, ganhei diploma. E então eu montei essa escola que chamava-se Escola Brasileira de Balé, dentro da Sociedade Gondoleiros. Eu registrei a escola, ela era registrada na Secretaria de Educação, naquele tempo secretaria de Educação e Cultura<sup>5</sup>. Então tinha numero de registro e tínhamos como é... Como era o nome daquelas mulheres meu Deus... Eram as fiscais, mas só das escolas que eram registradas e havia de ser o que... uma meia dúzia, dez registradas, só! E as escolas tinham essas visitas de fiscais. Elas iam ver se aquilo estava acontecendo, se era verdade, se gararararara... E [risos] eu achava tão engraçado umas mulheres que não entendiam nada de dança vinham e te aconselhavam. “Quem sabe a senhora faz mais para lá, para cá, mais...” [risos] “Ah! Sim senhora”, eu não queria perder não é? “Ah não tudo bem, claro”. [risos]

M.O. – E como é que tu chegaste à educação Física?

M.C. – A minha família começou... “Olha esse negócio só de balé não dá certo”. Eu nunca quis ter sala minha não sei por que, nunca quis, assim como nunca quis casa na praia, não quero! Não! São duas coisas que não. Eu dou aula aqui o dia que terminar, terminou. Aí minha família começou “Não, era melhor...” digo “mas não tem nenhum curso que tenha dança e eu quero dançar”, aí tanto foi pesquisaram, acharam a Esef<sup>6</sup>, eu digo “ah tem dança, então é tudo que eu pedi a Deus, é isso”. Então eu fiz, fiz educação física naquele tempo a mesma turma fazia por três anos, depois disto a gente tinha... Fazia quem queria não é o... Ai meu Deus como era? Não era a extensão... Especialização em dança! Trezentas e sessenta horas de especialização, a gente tinha aula quase que diariamente, com a Tony<sup>7</sup>, com a Lya, com a como é... a Zaida Pallares<sup>8</sup> entendeu? Todas as que trabalhavam dentro da Educação Física fizeram especialização em dança, foi muito bom naquela época, foi uma coisa bem... Tinha teoria, tudo, história da dança, tínhamos uma porção de disciplinas, eu fiz essa também. Bom a partir

---

<sup>4</sup> Escola Oficial de Dança do Theatro São Pedro dirigida pela professora Lya Bastian Meyer.

<sup>5</sup> Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>6</sup> Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atualmente Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança

<sup>7</sup> Tony Petzhold – professora de dança e bailarina de Porto Alegre.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação

daí depois da Esef eu já fiz vários cursos, viajo para Minas<sup>9</sup>, vai a Buenos Aires<sup>10</sup>, faz não sei o que, aquelas coisas que a gente fazia.

M.O. – Então a tua formação oficial é educação física? Com especialização em dança?

M.C. – Especialização em dança, sim! Mas sou formada em educação física. Como a dança sempre foi uma coisa assim... Se tu ver as pessoas citarem no meio de uma conversa assim... “não isso é próprio para as diversas áreas, teatro, musica, não sei o que artes plásticas” não aparece a dança, dificilmente as pessoas... É não falam da dança, é uma coisa que parece que não tem prestígio sabe como é? Quando vem um balé de fora ah o lago dos cisnes, ah não sei... Ah então lota o teatro, mas daqui, se não vender para os pais, para a tia, para a vovó os ingressos está vazio o teatro, porque o pessoal da própria dança não vai, não prestigia, tu não vê uns na escola dos outros.

M.O. – Interessante.

M.C. – Interessante e triste porque isso se arrasta por muitos anos, é cada um no seu núcleo entendeu? E se tu perguntar “mas tu não vai assistir?” “Ah não ele não vai nunca no meu”. Ora assim, alguém terá que quebrar esse jeito.

M.O. – Sim, com certeza concordo contigo. Morgada, o material que tu doaste ao CEME que resultou das tuas pesquisas para escrever o livro “Dança: Nossos Artífices” está todo nessas pastinhas rosa, e aqui dentro quando a gente abre, eu te trouxe esse aqui para exemplo, tem uns bloquinhos desses e aí às vezes, tem uns com anotações...

M.C. – Tem escritos. A gente começou fazendo isso vou te explicar o porquê.

M.O. – Me explica como tu fazias Morgada, tu gravavas a entrevista com as pessoas?

M. C. – Acontece que nós começamos gravando, fazendo gravações. Aí quando chegou a vez de entrevistar as alemãs não se entendia os nomes da dona Lya, da Tony que fizeram aulas na “Tanz” escola não sei o que [risos] e como é que a gente escrevia isso? Quando a gente chegava em casa e que ia ver que não tinha o nome escrito em alemão

---

<sup>9</sup> Minas Gerais - estado brasileiro

<sup>10</sup> Capital Argentina

direito. E assim nomes, por exemplo, de... Como é que se escrevia Tchaikovsky<sup>11</sup>, naquela época a gente sabia da história, mas não se fixava assim. Então esses nomes estrangeiros nos fizeram voltar a escrever porque nós distribuímos questionários, cada uma respondeu, nem todas colaboraram, ou todos, o Rolla nem sei quem poderia ter, se foi ele ou se foi alguém... e guardávamos tudo nessas pastas...

M.O – Certo. Cada pastinha era uma pessoa?

M.C. – Cada pastinha era uma pessoa com seu grupo, com a sua escola, com a sua história. Mas claro que a gente teve que fazer uma coisa bem curta de cada um, uma biografia, porque não era para ser biografia, na verdade começou para a gente fazer um comentário sobre a dança em Porto Alegre, bom, mas aí os dados começaram a chegar... Porque eu comecei no ano tal, e fiz isso e fiz aquilo... Bom virou biografia, então mini biografias ficaram de bom, paciência que vai se fazer? E nem a gente tinha tanta autonomia assim porque na verdade para tu fazer alguma coisa em termos de dança, tu tem que entrar no setor de crítica um pouco. Eu sou muito crítica, por isso que eu estou retirada da coisa, que as pessoas não querem conviver muito comigo [risos], não querem ouvir a verdade. Bom então deixa eu sair. Então a coisa foi assim, entendeu? Nós resolvemos fazer questionários por escrito, porque quando a gente tinha dúvida na letra da pessoa, daquela escrita, daquele subtítulo em estrangeiro ou então vinham, por exemplo, nomes de autores de músicas de balés e vinham escritos errado, aí a gente tinha que ir para aquela... como é que é... enciclopédia mundial de autores de música sabe? Para confirmar... mas veio quantidade errada...

M.O. – Quanto tempo tu demorastes para fazer todo o material do livro, tu lembras?

M.C. – Uns dois anos ou mais.

M.O. – E não era só tu que entrevistavas?

M.C. – Não, era eu e a Cecy<sup>12</sup>, ficamos só eu e a Cecy, porque na verdade era eu, mais umas seis ou sete alunas que até estão no agradecimento ali no início do meu livro, mas elas aos poucos foram saindo, porque a gente distribuía assim, o pior que era ir buscar nas casas, que o pessoal não mandava de volta, tu tinha que ir lá bater “escuta, tá

---

<sup>11</sup> Piotr Ilitch Tchaikovsky, compositor Russo

<sup>12</sup> Cecy Frank – professora de dança e bailarina de Porto Alegre

pronto?”), daí não, não, não, então volta outro dia. Então... Elas foram saindo, saindo, saindo fiquei só eu e a Cecy aí quando chegou em 1990, eu estava com muito trabalho, eu digo olha Cecy vamos encerrar isso aí, não dá mais, estou cansada, chegamos no ano 1990, deixa assim. Ah mas... Deixa assim, tu quer continuar, tu continua e eu não quero mais. Bom, parei, coloquei tudo dentro de um roupeiro! Aí quando a Cecy faleceu eu acho que, eu não me lembro que ano foi que ela faleceu, fiquei outro tanto com coisa aí de... Digo “aí não vou fazer, é muito trabalhoso,” não tinha nem tempo. Aí lá pelas tantas eu não sei quem foi que desencavou “escuta isso tu não vai...” Era uma brochura horrível. Pelo amor, uma vergonha! E o Tomazzoni<sup>13</sup> viu e não sei quem mais viu, diz, “mas escuta porque não transforma num livro?” Mas era... A intenção era, mas eu sozinha não... Bom! Aí veio uma pessoa aqui, me ajudou, sabe tudo aquele esquema de colocar em ordem, e botar... Porque eu não tinha a mínima... Eu entendia de dança, né? Agora botou em ordem, a margem tem que ser tanto, à distância... Ah! Quase morri! Mas vamos tocar já que tu acha... Tem que fazer! Parará parará! Então aí virou um livro, mas... Foi complicado no sentido dos nomes.

M.O. – Entendo! Mas quando vocês gravavam Morgada, as fitas vocês guardaram? Porque as fitas não estão no CEME.

M.C. – Não, não estão. Não sei te dizer, eu tenho um monte de fita aí, mas não é de gravação porque foi uma coisa assim, foi rápido, quando a gente se deu conta, eu acho que foi no terceiro ou quarta entrevista que paramos de gravar.

M.O. – Então eu vou te dizer que eu acredito que o Rolla foi uma das primeiras entrevistas, porque essa transcrição aqui está muito fiel a uma palavra falada, tu entende?

M.C. – Deixa eu ver. Essa letra não é minha. Essa letra deve ser da Cecy Franck porque ela que foi colega dele. Não é minha essa letra, e uma letra muito bonita por sinal.

M.O. – Pois é então olha só. Para esse questionamento isso me soluciona saber então que todas essas pastinhas rosa elas fazem parte desse trabalho que originou o livro, mas não são todas que foram gravadas. Muitas delas foram aplicados questionários.

---

<sup>13</sup> Coreógrafo, jornalista e diretor do Grupo Experimental de Dança da Cidade de Porto Alegre.



M.C. – Sim. A maioria não foi gravada, a maioria não está gravada. Agora não me lembro... Eu tenho assim coisas, por exemplo, mas que não tem nada a ver com o livro, coisas da Tony, voz da Tony gravada, tem... Sabe eu vou ouvir e vou doar.

M.O. – Sabes que quando tu quiseres disponibilizar...

M.C. – Acho que tem a voz da dona Lya, não me lembro acho que eram reuniões da Associação Gaúcha de Dança, então tem as vozes de... Não porque isso... Aquela coisa de reunião. E... Mas do pessoal entrevistado, acho que não. Quem deveria ter isso é a Simone Conceição<sup>14</sup> que mora nos Estados Unidos, porque era ela que entrevistava uma das participantes da... Quando a gente mudou o esquema.

M.O. – Atualmente ela mora nos Estados Unidos?

M.C. – Nos Estados Unidos, é! E mas eu posso te dar o telefone da mãe dela, para saber se ficou aqui, o quê que fizeram com aquilo.

M.O. – Certo então. Morgada, apesar de ter sido feita esta doação já há alguns anos, não foi efetivada a assinatura do documento de doação e autorização para utilizar todo este material. Então eu tenho aqui o documento e eu queria que tu lesse. Tu queres que eu leia para ti?

M.C. – Aquele negócio de direito de imagem?

M.O. – Então, o documento tem o teu nome, o nome da professora Silvana Goellner que é a coordenadora do Centro de Memória<sup>15</sup> e no final tu diz que estás disponibilizando esse material e que esse material pode ser utilizado. É importante e necessário ter este registro.

M.C. – Pode ser utilizado! Deve ser utilizado! Eu doei, mas claro isso tem que ser utilizado... É importante porque tem pessoas que “ah, mas como?” não sei o que... “Até nem é da Morgada”, alguém da pesquisa que vê, mas como eu não autorizei... Tem

---

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>15</sup> Centro de Memória do Esporte da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

muita gente boba vaidosa, em vez de dar graças a Deus que é utilizado. Porque eu doei, eu pensei assim, “mas o quê que isso faz dentro das minhas gavetas?” As minhas visitas vão ver? Porque eu não vou baixar gavetas e mostrar, eu digo, mas, para aí tem um negócio... E comecei a doar aos poucos. Até um dia, não sei se foi tu, não sei quem veio aqui e levou uma caixa...

M.O. – Acho que foi a Luciane<sup>16</sup>.

M.C. – Luciane! Uma caixa cheia, cheia de coisas de álbuns... As pastas, essas coisas... Digo “mas aqui não me adianta nada ficar isso, eu não vou mostrar para ninguém”, e lá há possibilidade de, de repente, alguém ver, não é? Eu tenho que dar uma lida, depois.

M.O. – Tu queres que eu leia para ti?

M.C. – É, lê para mim, porque eu tenho que ir lá buscar os óculos.

M.O. – Então vou ler para ti: Termo de doação ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Centro de Memória do Esporte doravante denominado donatário, neste representado pela professora Silvana Vilodre Goellner e a Sra. Morgada Cunha, doravante designado doador, firmam o presente termo de doação, mediante as cláusulas e condições seguintes: do objeto. Cláusula primeira: doação de acervo histórico contendo os itens documentais, iconográficos, audiovisuais, tridimensionais relacionados à coleção dança Morgada Cunha. Da utilização. Fica assegurada ao donatário sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais dos itens descritos neste termo. O donatário fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar em qualquer suporte, o acervo cedido pelo doador no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

M.C. – Não entendi o final.

M.O. – Então sempre que o CEME usar esse material terá que te indicar como autora.

---

<sup>16</sup> Luciane Soares

M.C. – Ah sim entendi! Sim, maravilha.

M.O – Morgada, a segunda coisa que eu queria ver contigo é mais rápido ainda. Para não te atrapalhar... O que tu sabes me dizer ou o que tu te lembras de João Luis Rolla? Tu teve alguma aproximação? Foi ao mesmo tempo de escola? As apresentações?

M.C – Foi ao mesmo tempo, é nós fomos contemporâneos. O quê que eu tinha? Eu tinha a escola de dança naquela época e ele tinha a escola de dança, por tanto a gente era colega, mas não éramos, digamos assim, íntimos. A gente se cumprimentava quando era festivais, etc, mas não tínhamos contato direto. Somente esse contato se estabeleceu quando ele já não tinha mais escola, aí eu comecei a procura-lo, ele estava muito velhinho, chorava muito sentimental, então aí sim eu comecei... Aí eu acho que já nem tinha mais... Mas tinha o grupo, tinha o grupo de dança e os espetáculos do Rolla eram muito bonitos, uma coisa assim muito... Ele gastava muito, ele empreendia muito, ele era um empreendedor entende? As alunas são apaixonadíssimas e eu gostaria de ter as minhas alunas tão apaixonadas por mim quanto ele teve, isso eu posso te dizer.

M.O. – Qual a leitura que tu faz deste grande sentimento que ficou nestas ex-alunas?

M.C. – Não sei. Tem de observar as alunas... Elas estão conversando muito bem contigo sobre qualquer assunto de dança, em geral de dança, mas o seu Rolla vem. Tu entende? Ele foi muito amado pelas alunas e pelas mães. Não saberia te dizer o que, porque ele era rigorosíssimo [pausa] tanto quanto eu fui [pausa], mas não sei é um amor gratuito é um amor, uma paixão. Tanto que quando ele adoeceu e foi parar numa clínica, uma coisa assim, já estava bem esquecido e tudo... Elas, as alunas, se reuniram para pagar esta clínica para ele, porque parece que a irmã ou irmão eram muito velhinhos também... Isso elas fizeram! Então é um amor incondicional, tu entende? Isso aí é uma coisa que eu palpei isso eu não estou inventando. É verdade, elas amam o Rolla, amam até hoje, de paixão, de paixão.

M.O. – E sobre os espetáculos dele tu chegaste assistir algum Morgada?

M.C. – Vi alguns, alguns, não todos. Mas eram espetáculos assim, como é que eu vou te dizer, era de escola, mas eles eram grandiosos, em matéria de cenário, em matéria de roupas, sabe? Ele explodia, não diria que em matéria de dança era tão abafante, mas era

uma escola correta, entende? A técnica a gente via pelos alunos que eram técnicas bonitas que levava balés muito bonitos e tudo, e quando era coisa de neve, a neve caía lá de cima, quer dizer ele ia às ultimas, entende, para fazer um espetáculo grandioso, bonito, isso era uma característica dele. Trabalhou ali no Auditório Araújo Vianna<sup>17</sup>, muito antes de botarem aquela cúpula, aquela coisa... Era tudo aberto e tinha uma sala ali onde ele dava aula. Mas como é uma entidade estatal você não pode ficar permanentemente, ele botou espelhos, ele botou barras, ele mobiliou aquela sala toda e trabalhou não sei quantos anos. As gurias devem saber... A Carlota<sup>18</sup> deve saber então eu acho que ele foi assim, a sua época ele foi brilhante, foi um professor amado e enfim...

M.O. – E dessa fase final quando tu conversava com ele, tens alguma coisa que tu te recordas, de sentimento dele?

M.C. – É muito sentimental, ele atendia o telefone, eu telefonava eu não ia, eu telefona para ele, aí ele “ai Morgada eu me sinto tão sozinho”... Quando ele ainda atinava, porque no final ele já não sabia quem estava falando no telefone. Eu digo “aqui é a Morgada, como é que tu estás?” “Ah, pois é, mas quem é? Quem é?” “a Morgada te lembra de mim?” “ah, acho que sim”, sabes? Fala assim confuso pobrezinho. Eu fui ao velório dele e não tenho certeza, eu não posso te afirmar, mas eu acho que isto aconteceu... Foi assim, no velório dele, na hora do enterro, as alunas todas pegaram o caixão dele e eu não sei se elas cantaram ou dançaram.

M.O – Elas colocaram para tocar a música de um dos espetáculos dele.

M.C. – De um espetáculo. E elas parece-me que carregaram o caixão dele. *Ah isso é amor pelo amor de Deus!* [riso] Isso é amor e mais alguma coisa! Eu tenho uma vaga ideia disso, quem me falou foi a Regina<sup>19</sup>, quer dizer que tu sabes mais do que eu.

M.O. – Inclusive quando ele desceu a sepultura a música terminou exatamente no momento em que ele baixou a sepultura.

---

<sup>17</sup> Espaço Cultural de Porto Alegre

<sup>18</sup> Carlota Cristina Macedo de Albuquerque, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>19</sup> Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

M.C. – Na hora, é. Eu não fiquei até o final, eu fui ao velório, mas não fiquei até o enterro, e de modo que essa parte eu não vi. Mas foi muito emocionante, faço ideia, que coisa linda! E até hoje elas citam ele, no meio de toda uma conversa sobre dança o Rolla vem à tona, eu acho isso lindo! Lindo!

M.O. – Muito bem! Então naquela época vocês não tinham uma aproximação muito expressiva?

M.C. – Ah sim! Até porque nós éramos, digamos assim, consequência, da rivalidade entre Lya e Tony. Então a gente tinha assim... Um certo afastamento... Claro que depois a gente foi criando... Tanto que tu vê eu com a Cecy, que era aluna da Tony, acabamos escrevendo um livro, uma coisa juntas. A gente tentou quebrar essa... Esta... Esse... Eu não saberia te dizer o nome... Um certo afastamento, uma certa desconfiança. Porque a gente acha isso muito ruim. Era muito ruim. Era ruim para a dança... Mas elas, além das duas, não é? E aí entrou o Rolla depois como aluno, e entrou a Salma<sup>20</sup> depois como aluna da Lya, então as escolas ficavam assim... E nós achamos que poderíamos quebrar isto. *Nunca foi quebrado! Nunca!* Se você vê hoje a... “tu não vais assistir ao balé do fulano? Eu não ele não vai aos meus, eu não vou” *Mas quebra isso!* [riso] Vai um dia... *Não!* Cada uma no seu núcleo, elas não querem saber assim de zero a dez onde é que você está colocado, não! Ninguém se analisa... Sabe? E ninguém tem humildade suficiente para chegar e assistir ao espetáculo do outro, ir lá apertar a mão ou não. Não importa! Não gostou não aperta a mão, pronto. Ao menos está lá, a pessoa que está no bastidor diz “olha tu sabe que o fulano veio”, isso é uma forma de aproximação, de respeito, de o que será que achou o que será... Entendeu? Não elas dão espetáculo para os pais, para as mães e *acabou-se!* Então não adianta, até hoje, não é... A gente achava que era disputa da Lya e da Tony, não é! Continuou... *Continuou!* E agora a gente nem sabe por que é... Continuou. Não quer nem saber se o outro criou... Esses dias eu vi um espetáculo do... Desse menino... Que até foi aluno meu aí na Esef, o Aldo Gonçalves<sup>21</sup>. Ai mas que espetáculo bonito! Olha um espetáculo assim eu te diria até profundo e perigoso. Pois ele arriscou, ousou e saiu-se muitíssimo bem. E uma versão do Lago dos Cisnes, a música original, e ele fez uma transcrição à moda dele, mas não isso que se vê aí assim... Balé teatro que tu não tem noção do que eles estão dizendo. Muito bonito

<sup>20</sup> Salma Chemale professora e bailarina de Porto Alegre

<sup>21</sup> Bailarino e professor de dança de Porto Alegre

roupas adequadas, os bailarinos dançam! Os bailarinos dele *dançam!* Não fazem “oioioió no palco, falar bem alto!”. [risos] Lindo! Lindo! Lindo! Eu digo “mas o Aldo me saiu um senhor coreógrafo”. Coreografia dele, ideia dele, as roupas lindas, e ainda botou no programa, vê como ele é humilde, as indumentárias foram reformadas de outros espetáculos, olha que bonito. Humilde, entende? Ele não estava ali para... Muito lindas as roupas adequadas, olha não deixou nada... Porque eu sou daquelas do tempo em que obra de arte não se toca, por favor, não toque numa obra de arte que está pronta e consagrada, *não!* Mas e tu não vê que eu me entreguei para coisa... Eu digo “mas que bonito o que ele conseguiu fazer”. Muito lindo! Cenário, eles fizeram o cenário, cinquenta mil coisinhas de papel que caíam assim para formar um pântano, uma coisa... Olha! Bonito! Eles mesmos trabalharam isso é lindo de se ver! É altamente educativo e recreativo, ora fazer papelzinho, se reuniram nos intervalos, sei lá, dele fazer papelzinho... Digamos assim, ah... Como é... A impressão que dava é que eram uns verdes caindo assim os musgos, muito lindo! Muito lindo! E os rapazes dele tinham uns oito ou nove, dançavam! Não estavam ali de bobeira, dançavam! Muito lindo! Então é uma escola nova.

M.O. – Pois é então tu vê, tu vem falar sobre os rapazes dançarem. Isso é uma coisa que me chamou muito a atenção, porque o Rolla foi o primeiro homem com escola em Porto Alegre.

M.C. – Sim, na verdade com escola, porque o primeiro homem<sup>22</sup> mesmo, bailarino, que dançou e dançou com a Tony...

M.O. – Te referes ao Souvarine<sup>23</sup>?

M.C. – Não! Antes dele! Eu não sei o nome, mas ele era aviador, e a Tony precisava de um bailarino para dançar... Eu não sei o que ela tinha [riso] e ela botou o homem no palco a segura-la... Ela queria fazer coisas e tal e ele era um homem forte e tudo... Ele não era bailarino, ele era um aviador.

M.O. – Mas tu não lembra o nome?

M.C. – Não, nome não sei. Não sei se está no livro.

---

<sup>22</sup> Jaime Peixoto

<sup>23</sup> Souvarine Pedro Louniev

M.O. – Porque tem um Harry alguma coisa que era de Novo Hamburgo...

M.C. – Não, não, esse foi da dona Lya, era o Harry Vic<sup>24</sup>, era de São Leopoldo. Não, não... Mas esse era da Lya, esse veio bem depois, dancei com ele inclusive. Mas este homem foi o primeiro que pisou num palco, bem antes de todos os outros. Professor homem sim, o Rolla. O Rolla foi o primeiro.

M.O. – Que deve ter sido para a época algo inusitado não é?

M.C. – É, eu acho que foi um pouco, eu não sei assim dos permeios da história, mas ele tinha muitíssimas alunas. *Muitas!* Crianças, juvenzinhas pequenas, ele de certo imprimia muita confiança, muita autonomia e fazia aqueles espetáculos grandiosos, aquela coisa toda, roupas muito finas, então eu acho que os pais confiavam porque era uma época em que tinham esse... Essa... Enfim, bailarino homem, tu sabe como é né? [pausa] Mas ele conseguiu todo... Eu não sei quantos, eu não me recordo assim, quanto tempo de existência ele teve como professor, mas foram muitos anos, muitos anos. E foi... Foi assim... Ele foi digamos... A Lya foi a pioneira, a Tony veio em segundo lugar, depois veio ele, terceiro já de outra geração, porque era aluno da Tony e depois a Salma. Aí depois a coisa foi se... Sabe as raízes foram se abrindo, aí até hoje a gente sabe que são originários de algum lugar. Se tu falar com a Regina, tu já falou com ela?

M.O. – Sim entrevistei a Regina, ela tem bastante informação.

M.C. – A Regina é o... digamos o quartel general do Rolla. A Carlota também, a Carlota amava ele de paixão. Eu não me lembro de outras, eu me lembro que essas duas ponteavam assim, não é? Tu tens o meu livro?

M.O. – Claro que sim!

M.C. – Tem? Ah.

M.O. – E muito me ajudou inclusive, porque foi através dele que eu consegui encontrar algumas ex-alunas de João Luiz Rolla.

---

<sup>24</sup> Nome sujeito a confirmação

M.C. – É, ficou muito incompleto porque tu vês, nós fomos de 1928, 30 por aí até 90 então nem todos responderam fartamente, por isso que tu vês ali biografias com dez, quinze, vinte linhas só. As pessoas não acreditavam naquilo, aquilo ali era “ah a Morgada... Vai de qualquer jeito”, não forneciam fotos, nós tivemos que correr atrás de jornal, tem muitas que são de jornal recortadas, “olha vamos recortar isso aqui”, assim... Porque a gente ficou sem dados, teve gente que não quis colaborar. Não mandou de volta, então a gente tinha andar cavocando aonde tivesse uma notícia.

M.O. – Morgada tu sabes alguma informação sobre o momento em que a Escola de João Luiz Rolla teve que sair do Auditório Araujo Viana?

M.C. – A minha irmã era... Como é que é... Chefe da divisão de cultura da prefeitura na época do Rolla. Ela chamava-se Stelita Cunha<sup>25</sup>. E botaram ela no setor para ver quais os locais que estavam sendo ocupados indevidamente, isto é, na época do Rolla, ele conseguiu não sei com quem, com algum vereador, ou com o próprio prefeito. “Não, o senhor use”, só que por lei tu não pode ficar eternamente, digamos assim, uma coisa particular tua... É mesmo que tu botar um instituto de beleza na sabe... Ali na porta dos vereadores. Aquilo ali não pode ficar é contra a lei, então a minha irmã... [pausa] É o que eu sei, não sei se isso é verdade. A minha irmã mandou para vários, não foi só para o Rolla, para vários que estavam ocupando indevidamente, porque eles queriam reformar, não era para botar outra pessoa não, era porque já tinha ocupado o tempo suficiente. E a escola do Rolla era uma escola particular numa entidade publica. Assim como hoje, por exemplo, tu vai lá na Casa Mario Quintana<sup>26</sup> eles te emprestam por três meses, mas depois tu tem que ir embora, para cursos, para ensaios, sim, sim emprestam, mas isso é uma lei antiga. E aí a minha irmã então mandou, eu não sei se foi ela ou se foi asseclas dela que mandaram não é?... Até eu me lembro que a Carlota ficou meio indisposta comigo, entendeu? Não sei se ela ficou sabendo porque ela era minha irmã ou o que... Mas eu não tenho o que ver com isso, pelo amor de Deus. Eu até gostei muito do Rolla, mas eu não tenho nada a ver com a... E depois ele já estava muito velhinho, entendeu, já estava... Não por isso, não iriam tira-lo por ser velho. Mas porque ele estava ocupando anos a fio aquilo ali, então mandou oficio pedindo que em tanto tempo esvaziasse... Então as alunas ficaram assim chocadas por quê? Porque não

---

<sup>25</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>26</sup> Casa de Cultura Mário Quintana em Porto Alegre



conheciam a lei, então ficaram *chocadéssimas* com essa história. Achei engraçado agora tu me fez lembrar uma coisa que aconteceu no aniversário do Rony<sup>27</sup>, na hora eu não me fraguei, me fraguei agora que tu falou. Estava a Carlota sentada numa mesa conversando com a minha irmã, a minha irmã nem sabe, eu acho, disto, dessa rixa, dessa coisa que ouve em função de terem tirado o Rolla de lá. E estava as duas conversando, agora tu falou, mas que engraçado, era o momento até de clarearem isso de... Eu acho que a Carlota não se ligou que era ela, acho que a Carlota não conhecia, e foi uma coisa engraçada, agora tu falou e me veio essa... [riso]

M.O. – Várias ex- alunas da escola comentaram que, na época, elas comentaram entre elas que era para colocar uma pessoa no lugar dele, mas essa pessoa nunca assumiu.

M.C. – Tanto que não assumiu, não era para colocar ninguém. Talvez até pensassem que era *eu* que queria. Nunca! Sabe uma coisa, minha irmã trabalhava...

M.O. – Não, não tu. Chegaram a citar o nome da Jezebel Irigaray.

M.C. – Acho que não. Sei, sei quem é, sei quem é. Mas deve ser pura fofoca.

M.O. – É eu entrevistei ela também e ela me falou que não, que não aconteceu nada.

M.C. – Pois então, tu vêes que coisa de se comentar. Claro, iam tirar ele depois de tantos anos, então era para dar para outra pessoa? Não! Não era! É que tem que esvaziar, por exemplo, tem grupos de teatro que precisavam daquele local para ensaiar e não podiam porque ele estava definitivo quase ali. Ele fez dali a academia particular dele, não pode! Então é preciso você conhecer a lei primeiro para depois entender os porquês que certas coisas acontecem. Lá na Casa Mário Quintana é assim, aqui no Renascença<sup>28</sup> também eles te emprestam e tudo, mas, para aí um pouquinho, por quanto tempo? Três meses, está, pode sair, vem outro.

M.O. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

M.C. – Olha. Eu te diria assim... Fica uma coisa muito saudosista, mas foi o que me ficou, vamos dizer, do tempo da Lya e da Tony e do Rolla também, a *grandiosidade* dos

---

<sup>27</sup> Rony Leal

<sup>28</sup> Teatro Renascença em Porto Alegre

espetáculos com cenários *maravilhosos*, cenários inteiros, não era aplique, eram cenários inteiros, com orquestra, eu dancei com orquestra, nós dançávamos naquele tempo a escola oficial de dança, dançava nas óperas, temporada lírica, aonde as pessoas iam, era para a alta sociedade. Antes da reforma do teatro tinha um corredor no meio, que hoje não tem mais, passavam as mulheres com trajes de gala para assistir a temporada lírica. Era uma coisa tão linda, era uma festa. Sabe a gente criança assim, jovem, doze anos, onze anos, a gente ficava deslumbrada de ver os homens de smoking assim, parecia um conto de fadas para a gente, um conto de fadas real que estava se passando, porque a gente tinha que ficar lá em cima, nós não podíamos baixar, terminava a dança da ópera a gente ia lá para o coisa, lotava lá em cima, então a gente ficava olhando as jovens, as moças, senhoras entrando com joias, com... Olha tu ficava assim... Mas que coisa isso existe! Naquele tempo, imagina hoje o que seria algo assim. Então chamava-se temporada lírica, a gente dançava o Rigoletto<sup>29</sup>, dançava Aida<sup>30</sup>, dançava... A maior parte das óperas que tem dança a gente dançava, era o corpo de baile da Lya que dançava. A Lya era uma pessoa que lia partitura, a Tony também, nos ensaios ela “olha vocês não me façam eu repetir com o maestro, Deus o livre que o maestro tenha que parar a orquestra por causa de vocês”, então ela ensaia, a gente ensaiava separado com nem sei... Era com piano, era a pianista que tocava a fase que a gente tinha que dançar, então quando a gente ia para o ensaio geral tu já ia sabida, e ela lia aquela partitura assim “espera, espera “tacacatacacatacaca” nervosa “tacacata” atrás do... “tá vai,vai,vai tacacatacacatacaca”, sabe assim... Então essas coisas me marcaram muito porque foram coisas muito fortes, muito importantes, muito técnicas, entendeu? Quer dizer tu tinha a sensação... Naquele tempo eu nem sabia, mais tarde foi que eu vim a me dar conta de que parecia uma coisa europeia, sabe? A coreógrafa lendo a partitura para os bailarinos entrarem na hora certa. É lindo! É lindo, quer dizer o que eu aprendi ali em matéria de disciplina, de sabedoria, de pesquisar coisas, de ler, de não fazer aereamente, entende? Só o palco, só o palco, só o palco, se tu pensa hoje é só isso que o bailarino quer. Ele não quer ler, ele não sabe de onde o professor dele veio, entendeu? O negócio é pagar e dançar e fazer uma roupa cheia de lantejoulas e estamos conversados.

---

<sup>29</sup> Rigoletto é uma ópera em três atos do compositor italiano Giuseppe Verdi, com libreto de Francesco Maria Piave.

<sup>30</sup> Aida é uma ópera em quatro atos, com música de Giuseppe Verdi e libreto de Antonio Ghislanzoni.

Dança não é isto. Então o que eu me lembro, o que mais me marcou e naturalmente depois, por exemplo, com muito anos depois, porque eu fiz muito espetáculo de dança com a minha escola lá dos Gondoleiros, então eu criava os temas como a dona Lya fazia, eu copieei dela isso, criar os próprios temas, entende? Para não estar repetindo o que os outros fizeram, então eu criava os teminhas para crianças e para adulto, e enfim... E fiz muitos espetáculos no tempo em que o Theatro São Pedro<sup>31</sup> ainda não tinha sido reformado, depois fechou durante dez anos e tudo e eu larguei a escola para fazer a escola de educação física. Então outra coisa que me marcou muito foi a época do Grupo de Dança da UFRGS<sup>32</sup>, foi muito lindo, foi um período muito criativo, aonde eu desempenhei todo um potencial que eu tinha, que eu nem sabia que eu tinha na verdade entendeu, eu fui descobrindo na medida em que eu fui trabalhando com elas em... As respostas que elas me davam eu ia aproveitando. Então. foi muito bom, foi uma época... Foram sete anos só, depois claro cada uma segue a sua vida aquela coisa, então não foi possível continuar. Agora por exemplo foi muito engraçado há uns três anos atrás, acho que quatro, elas me procuraram para eu fazer uma coreografia de novo, eu estava com setenta e seis anos, olha! Vê se pode! Digo “mas como assim, mas eu já estou afastada” eu estava afastada desde os cinquenta, digo “não gurias, não tem mais condições” “não, mas tu vai fazer, porque nós vamos nos juntar porque...” e elas também paradas, só trabalhando cada uma no seu setor. Aí então eu boleei uma coisa sobre a vinda do negro, eu não sei se tu chegasse assistir.

M.O. – Eu assisti.

M.C. – Ah tu viste o espetáculo? Ah tá então nem precisa te falar, então foi outra coisa assim que me empolgou muito pelo fato de eu estar parada há tanto tempo. E foi um espetáculo bonito, foi uma coisa entendeu assim, foi bem como se fosse... Eu gosto da dança quando ela me diz alguma... Me conta uma história, porque se ela vai para o palco só por ir eu... Entendeu... Que tu não sabe muito bem o que quer dizer não faz meu gênero. Então foram essas coisas que me marcaram muito, diferentes épocas, mas que eu aprendi muito aproveitei muito assim... Enfim foi... [risos]

M.O. – Morgada te agradeço muito toda a tua atenção.

---

<sup>31</sup> Mais antigo teatro de Porto Alegre

<sup>32</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

M.C. – Ai querida, quando tu quiseres, falando de dança eu vou até às duas da manhã se deixar. [risos]

M.O. – Muito obrigada mesmo.

[FINAL DA ENTREVISTA]